

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
O TRILHO DO GATO – WILLIAM A. WELLMAN
11 e 18 de Novembro de 2025

THE PURCHASE PRICE / 1932

Um filme de William A. Wellman

Realização: William A. Wellman / Argumento: Robert Lord, baseado numa história de Arthur Stringer / Direcção de Fotografia: Sid Hickox / Direcção Artística: Jack Okey / Música: Leo Forbstein / Som: Robert B. Lee / Montagem: William Holmes / Interpretação: Barbara Stanwyck (Joan Gordon), George Brent (Jim Gilson), Lyle Talbot (Eddie Fields), Hardie Albright (Don Leslie), David Landau (Bull McDowell), Murray Kinnell (Forgan), Leila Bennett (Emily), etc.

Produção: Warner Brothers / Cópia em 35mm, preto e branco, falada em inglês com legendagem electrónica em português / Duração: 77 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

Terceiro dos cinco filmes de William Wellman com Barbara Stanwyck (depois de **Night Nurse** e **So Big**), e terceiro dos cinco filmes que Wellman rodou e estreou em 1932, *The Purchase Price* ocupa essa dupla posição intermédia preenchendo-a com uma singularidade que parece muito apropriada à suposta descrição do “lugar do meio”. Frank Thompson, na sua biografia do autor, diz que o filme lhe lembra Luís Buñuel e acerta na “mouche”, porque é mesmo Buñuel, e mais exactamente certos filmes do período mexicano, também (como o de Wellman) inseridos numa estrutura de produção industrial, que **The Purchase Price** faz lembrar. À época, o filme foi bastante detestado pelos críticos americanos, que ainda não tinham Buñuel como termo de comparação possível mas já era precisamente ao lado buñueliano do filme que torciam o nariz. “Um dos argumentos mais esquisitos de que há memória”, “totalmente incompreensível”, escreveu-se no New York Times, citado por Thompson. E como ele também diz, naturalmente, quer a “esquisitice” quer a “incompreensibilidade” são o que fazem o interesse do filme.

Que começa, como tantos filmes da época, no mundo boémio da grande cidade, seguindo uma cantora de cabaré (Stanwyck) que se declara “farta” daquela vida. O filme faz-lhe a vontade, num corupio de cenas que dão o ambiente, e sobretudo a fauna do ambiente, e facilmente o tornam, por demonstração prática, “cansativo”. É toda a justificação para que, como se não passasse de um longo preâmbulo, a certa altura o filme mude por completo de ambientes e de preocupações. Sem mais justificações que não o “mudar de vida”, Stanwyck casa-se por correspondência com um proprietário rural instalado algures na gelada imensidão canadiana, e muda-se para lá.

É aqui que o filme se torna “esquisito”, mas no fundo, nada incompreensível (sem os delírios simbólicos de Buñuel, mas com outra forma de codificação que hoje nos parece bastante clara, porventura mais clara do que parecia aos seus contemporâneos). Como tanto “pre-code” (mas também tanto “post-code”), **The Purchase Price** é “all about

sex”. O lado cómico, quase selvático (e nisso, muito buñueliano efectivamente), vem da oposição campo-cidade, do efeito que a chegada de uma mulher vinda dos cabarets urbanos provoca na pequena comunidade de camponeses. O que sendo uma coisa social – há uma pequena desordem, como é óbvio – é em primeira instância uma coisa sexual, bem assinalada na mais estranha e selvagem personagem do filme (a mais buñueliana também), o admirador de Stanwyck que grunhe e resfolega à passagem dela.

E que título, já agora – quem compra quem? O que é que está à venda? E qual é verdadeiramente o “preço da compra”?... Podia-se dizer que é mais um filme que põe o “progressismo” nas relações entre homens e mulheres a fazer piruetas; não é nada “reaccionário” (como outros filmes, o centro é a vontade da personagem feminina) mas o “progressismo” vem embrulhado em “esquisitice”. O momento crucial é o da noite de núpcias. Stanwyck acabou de conhecer o marido e ainda não está à vontade para que a noite de núpcias se desenvolva segundo os trâmites tradicionais. O marido aceita, mas aceita “para sempre”, convencido de que a relutância dela não é episódica, já que no fundo tudo é apenas “purchase”. Só que não: o homem põe o desejo na gaveta, mas o da mulher desperta. E temos essa coisa, apesar de tudo rara, que é um filme de estúdio de Hollywood a encenar, sem disfarces, o desejo feminino – e a “marcha nupcial” cheia de reticências e mal entendidos dá pelo menos uma grande sequência, cheia de véus e roupa interior, e cheia de achados de mise en scène e de montagem.

Luís Miguel Oliveira